

QUANDO A AMADORA DEPENDIA DE CARNAXIDE...

Por Alves Silva

De 1898 a 1916, a Amadora era um lugar dependente da freguesia de Camaxide. Antes, porém, já tinha feito outras «viagens sacras», nomeadamente por Belém, Belas, Benfica, Oeiras, a respeito das quais já demos notícia, mas ainda lá voltaremos para, com mais pormenor, contarmos como tudo isso aconteceu.

Hoje é de Camaxide, da qual a Amadora dependeu durante alguns anos, localidade vizinha encostada à nossa em alguns pontos do seu território e, por isso mesmo, com diversas raízes comuns ao longo dos anos, conquanto já independentes uma da outra e com vida própria das suas gentes.

Camaxide é a Amadora, até pela semelhança existente entre duas das suas relíquias religiosas antiquíssimas, Nossa Senhora da Conceição da Rocha (Camaxide) a remontar a 22 de Maio de 1822, data do seu aparecimento na ribeira do Jamar, nas margens da qual lhe foi erigido um templo, a respeito da qual iremos apresentar como tudo se passou, e Nossa Senhora da Conceição da Lapa, com residência na antiga ermida da Falagueira, hoje Igreja paroquial desta freguesia, erigida em 15 de Novembro de 1759, sobre a qual já várias vezes tivemos ocasião de falar, cujo assunto não estará, para nós, totalmente encerrado, pois será retomado oportunamente.

Sobre Camaxide, vamos socorrer-nos de um trabalho do padre Francisco da Silva Figueira, excerto da sua obra «Os Primeiros Trabalhos Literários» de 1895:

ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA DE CARNAXIDE



N. S. DA CONCEIÇÃO DA ROCHA

Descoberta na Ribeira do Jamar Freg.ª de Carnaxide em 28 de Maio de 1822.

HÁ 168 ANOS APARECIDA

I

Primeira paroquial da freguesia de Camaxide em Santa Catarina de Ribamar Ermida de Camaxide para onde é transferida a paroquial da freguesia. Procissão da Veracruz. Etimologia do nome de Camaxide Razão da escolha do lugar.

Após a tomada de Lisboa aos mouros, a freguesia dos Mártires, de cuja primeira paroquial D. Afonso Henriques assentara a pedra fundamental no mesmo sítio da ermida, pelos cruzados, levantada à pressa sobre a terra em que jaziam os corpos dos que nos ataques da cidade, tendo morrido em defesa da fé, ficaram sendo venerados como mártires, foi limitada até ao rio de Oeiras.

Passado pouco tempo, dessa freguesia dos Mártires foi separado todo o território que lhe pertencia desde a actual freguesia de Camaxide, há beira-mar, até ao Lumiar e Campo Grande «Avalade», e dele se formou uma nova freguesia, a que se deu por matriz a ermida de Santa Catarina de Ribamar, que, ou então foi levantada, ou, o que é muito mais provável, já existia desde remotas eras.

Assim esta freguesia era a mais antiga das suburbanas de Lisboa, porquanto, tomada esta cidade aos mouros em 1147, foi a primeira criada das freguesias da Sé e dos Mártires, e se não se sabe com certeza o ano; da sua organização, é fora de toda a dúvida que já existia em 1171 em que ainda vivia o nosso primeiro monarca, que veio a falecer em 1182.

Esta muito extensa freguesia foi sendo desmembrada a pouco e pouco, sendo dela separada a do Lumiar a 2 de Abril de 1266 pelo bispo D. Mateus que então se achava em Unhos.

Tinham-se instituído colégias em Lisboa e para as manter, doou-se a cada uma delas sua porção de território. Foi deste modo que se tornaram donatários da freguesia de Oeiras os colégias de S. Lourenço, de Barcarena, de S. Martinho e de Santa Catarina de Ribamar, em 1248 pela primeira divisão de paróquias feita pelo bispo D. Aires, reinando D. Sancho II, ou pelo menos em 1382 pela segunda divisão, feita pelo bispo D. Martinho reinando D. Fernando, já freguesia de Camaxide, por se ter transferido a paroquial da ermida de Santa Catarina para a ermida que os povos tinham levantado na encosta da serra daquelle nome, se tornaram donatários os colégias de Santa Cruz do Castelo de Lisboa, que sempre sustentaram seu direito, não somente sobre a paroquial de Camaxide, que eram obrigados a reparar e paramentar, mas também sobre a igreja de Santa Catarina, donde tinham chegado a paroquiar uma freguesia de que eram os donatários e priores.

Dessa primitiva paróquia, de que nasceram tantas filiais, por muitos séculos ficou perpetuada a memória nas procissões ou cirios que das suas paróquias vinham anualmente à dita ermida de Santa Catarina. em Maio, no dia ou cerca do dia de Santa Cruz, o que também atestava tão antigo era o domínio dos colégias do castelo naquela antiquíssima paróquia suburbana de Lisboa.

Os do Lumiar vieram por muitos anos. Os de Benfica, porque tomaram por castigo da interrupção dessa festa tradicional a grande seca e com ela a grande carestia que experimentaram certo ano em que não vieram, continuaram a vir até 1648.

Camaxide não faltou até 1833. Em 3 de Maio, dia de Santa Cruz, da paroquial, então do-se ladainhas, saiu procissão para Santa Catarina, em cuja igreja o pároco entrava de estola e cruz alçada, como representante que era dos priores do castelo, antiquíssimos donos da casa, sobre que nunca largaram todo o direito.

E na verdade por mais de uma razão era venerável essa religiosa festa anual. Era memória tradicional da fé desde os mais remotos antepassados e porque se ia pelos campos e por entre searas, então na sua quadra mais decisiva, era um uso altamente piedoso e oração muito própria para alcançar de Deus a abundância e com ela a felicidade comum, a riqueza dos lavradores e prosperidade da agricultura que nesta freguesia sempre foi tida muito em conta, e exerceu a principal influência.

A ermida, depois paroquial de Camaxide, fora desde o princípio dedicada a S. Romão. E porquê? Porque se preferiu esse santo a outros mais celebrados e venerados?

Cuidamos que houve nisto seu intuito religioso.

Camaxide, Carnaxide ou Carneide, como Algés e Alfragide, e como diz sua etimologia - carna-xade, ponta da ovelha - de origem árabe, era, no tempo dos mou-

ros, uma localidade principalmente pastoril, donde, cada vez mais debastados os matagais e cultivado este torrão abençoado, se tornou essencialmente agrícola.

Assim era quando os cristãos, predominando já procuraram cristianizar a ideia árabe escolhendo para o lugar desta freguesia um santo venerado como pai dos lavradores, como é S. Romão por aquela eficaz intercessão com que, segundo se refere na sua vida, livrará os povos do seu arcebispado de Ruão de uma devastadora inundação do Loire, e do contínuo susto e ruína de homens e animais que causava uma almiria ferocíssima que naquele tempo por ali aparecera, desde então em França e outros países, e algumas províncias do nosso Portugal, invocado como dador de boas searas e preservador de animais danados,

II

Estilo da ermida depois paroquial de Carnaxide. Suas ruínas. Reedificação da igreja paroquial. Visita do arcebispo D. Luiz de Sousa. Dissensões com os priores donatários Grandioso destino dos templos. Estilo da nova paróquia de Carnaxide. Suas gloriosas recordações.

Aquela primeira ermida, anos depois da sua fundação convertida em paroquial de Camaxide, interiormente pelo seu côro e forro de madeira, e exteriormente pelo seu alpendre, adro fechado e campanário ou torre muito pouco elevada, parecida com a de Belas, de Rio de Mouro, S. João das Lampas, Montelavar e outras, que ainda hoje em dia se vêem pelos arredores de Lisboa, e que datam dos princípios da monarquia, ou que, já antes dela, eram mesquitas dos mouros, como em algumas ainda hoje atestam os arabescos de seus portados, já muito arruinada interior e exteriormente em 1642, chegou a tal estado de desmoronamento em 1662 que, tomando-se urgente repará-la, como os visitantes insistiam com os povos, estes entenderam que para se não estar reparando cada ano o que cada ano aparecia em nova ruína, era melhor deitar abaixo toda aquela edificação já muito abalada pelos tremores de terra, e envelhecida pelos séculos, e levantar desde os alicerces outra mais formosa, mais vasta, mais proporcionada à população crescente da freguesia.

Dominados de tal pensamento, começaram de muitos anos a fazer economias em tudo que se podia, ao que também os incitavam os visitantes, até que chegaram a ter junta a soma que julgaram bastante para se dar começo a tal empresa, árdua para um povo pequeno, mas grande na fé, grande no ardor patriótico, que os movia ao desejo de possuir um templo que não evergonhasse povos tão vizinhos da grande capital, ainda então empório do mundo.

No ano de 1676, o arcebispo de Lisboa D. Luiz de Sousa decorria pela sua vasta diocese, visitando em pessoa a grei dilecta que Cristo lhe confiara, quando seus olhos aqui vieram dar com um espectáculo que muito sensibilizou, consolou e satisfiz sua piedade.

No livro das visitasões, de que se tiraram tão excelentes resultados para os costumes, para a fé, para a frequência dos sacramentos, para a deoência dos e nos templos, para a boa arrecadação e aplicação dos rendimentos das corporações religiosas, para a extirpação de abusos e fanatismos, para tudo que realmente é manter o espírito religioso, o viver cristão de um povo, encontram-se as seguintes palavras escritas do próprio punho do arcebispo: «Achámos esta igreja incapaz de nela podermos fazer visita, por razão de estar derubada e começada a fazer de novo e celebrando-se com alguma indecência o sacrifício da missa. Louvamos muito aos fregueses da dita igreja o zelo e dispêndio com que começaram esta obra, e por sermos informados que de presente estava parada por dissensões que havia entre os ditos fregueses e prior e beneficiados de Santa Cruz do Castelo, a quem a dita igreja é anexa, o que estranhamos muito ao dito prior e beneficiados, porque, devendo eles excitar, mover e persuadir os fregueses, animando-os a continuarem a dita obra, tanto para serviço de Deus Nosso Senhor, os embarcaram com demandas menos ajustadas; encomendamos muito ao dito prior e beneficiados não impeçam aos fregueses o seu bom zelo, antes os ajudem e favoreçam, para que quando visitarmos segunda vez, o que será brevemente, com ajuda de Deus, achamos sem que celebrem os ofícios divinos.»

Não encontramos onde saber as razões dessas dissensões de que falta o arcebispo, mas é de presumir que foi ou porque, como depois, para a capela mór em 1792, os povos obrigavam a concorrer para a reedificação da igreja que recebia dizimos, ou porque os do castelo se julgaram ofendidos em seu direito de donatários, sem permissão deles bolindo e derubando um templo de que eles, porque aí estava a paróquia, eram os verdadeiros priores, e só queriam ser senhores, mas que na verdade, não eles, mas os povos é que tinham no princípio edificado.

Ou porque os povos puderam levar a sua por diante, ou porque os do castelo cederam ao justíssimo reparo e persuasões do arcebispo, as obras depois de pequena interrupção continuaram, e os povos lograram ver erigido esse verdadeiro monumento da sua piedade, monumento só de Deus e deles: de Deus, para quem era e a quem se dedicava; ah! eis mais uma grande utilidade e mais um grandioso fim dos edifícios sagrados, recordar as gerações que foram, memorar sua piedade.

Quando ali entrados, fácil é vir-nos à memória que naquelas lages ajoelharam, naquele âmbito oraram, dali subiram ao trono do Eterno as preces comuns, e por isso necessariamente meritórias de muitas gerações. O templo é a reunião, o elo da piedade das gerações, uma suas preces, uma sua fé, e nessa unificação de fé, de orações, de homens, de séculos, é que bem se pode dizer: é a humanidade perante Deus, é a criação, pelo homem, a primeira criatura terrestre, a criatura inteligente e livre, glorificando o Creator.

E deles, dos povos, que sós, quase de todo desajudados de estranha protecção, e da protecção real dos soberanos portugueses, eminentemente edificadores de padrões e monumentos da piedade e patriotismo português, levantaram esse templo em que não prima a arte, naquele tempo abatida desde a usurpação e o espírito já decadente da época de D. João III, mas que apesar de tudo isso, como outros edifícios de estilo Filipino, estilo seco, pesado, desagracioso, sem poesia, mas não inteiramente desprovido de grandeza, tem sua grandeza material, e ainda mais sua grandeza moral, grandeza religiosa e patriótica.

É um templo vasto em todas as suas dimensões, com alguma grandeza e airocidade em sua portada; e a largura em assio de seus muros, verdadeiras muralhas, o mesmo desadornado de suas paredes, apenas interiormente revestidas de excelentes azulejos, suas janelas simples e tão acanhadas que deixam apenas entrar essa meia luz tão própria aos templos, condizem com a simplicidade da fé e força do patriotismo daquelle que, pelas grandes batalhas das linhas de Elvas, do Arneixial, de Castelo Rodrigo, de Montes Claros, tendo, havia pouco, rematado e rebustecido o grandioso edificio da liberdade pátria, como que retratarem na obra material a obra do espirito. Reacendia-se o espirito nacional que, após uma ingente luta de vinte e oito anos, como que se aprazia em fortificar-se em fortalezas inexpugnáveis, quais mais eram as da fé, que deve ser simples e eterna, e que por isso não desdiz ler-se em monumentos simples, mas sólidos e duradouros.



Máquinas

Ferramentas

Apartado 4052

2700 AMADORA

Tels.: 494 75 27/491 15 83

Fax: 494 69 80

FERRAMENTAS CORTE

FERRAMENTAS PRECISÃO

PARA METALURGIA E METALOMECÂNICA